

REFLETINDO A AÇÃO DOCENTE DO MONITOR EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO DO MST

Maria José Nascimento Soares¹ (UFRN/UFS)

GT 06 - Educação, Movimentos Sociais e Direitos Humanos.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) iniciou uma luta em nível nacional pela educação a fim de garantir o direito de todos à escolarização, objetivando “*viabilizar com mais qualidade a formação política e técnica demandadas hoje pelo contexto da atuação do Movimento*” (Caldart, 1997, p.38). Para a sua concretização, realizou parcerias junto às instituições sociais, especialmente as Universidades.

Em Sergipe, no campo da educação, a parceria se deu com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização (NEPA) do Departamento de Educação. Objetivando a Alfabetização de Jovens e Adultos nas Áreas de Reforma Agrária, o projeto incluir cursos de capacitação e escolarização para os monitores² dos assentamentos em nível de ensino fundamental e médio³.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) entende que diante do baixo nível de escolaridade e de participação dos assentados no processo educativo, deve apostar na capacidade dos seus monitores na medida em que asseguram uma formação que garanta o acesso aos diversos níveis de escolarização que foram negados historicamente ao longo desses anos. Considera, portanto, que o desenvolvimento de um trabalho educativo que favoreça também a capacidade organizacional possibilitará ampliar a visão de mundo quando os alunos trabalhadores passarem a compreender o valor e o uso do conhecimento para a libertação, reacendendo a esperança para aqueles que sonham por um mundo melhor.

Apresentar os elementos principais da temática de pesquisa em desenvolvimento é o objetivo deste trabalho. Trata-se de entender como os princípios educativos do MST fortalecem a ação docente do monitor na esperança de minimizar as lacunas existentes no processo educativo. Para atender aos interesses dos alunos trabalhadores configurados mediante um lento e gradativo

¹ Este estudo resulta de nosso Projeto de Tese, desenvolvido em nossos estudos doutorais realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculado à Linha de Pesquisa “Formação e Profissionalização Docente” do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, sob a orientação da Prof^a Dr^a Betânia Leite Ramalho e Rosália de Fátima Silva.

² Utilizamos o termo monitor para designar os professores responsáveis pelo processo educativo nas áreas de assentamentos de Reforma Agrária. Este termo comparecerá em todo o texto quando este fizer referência aos professores.

³ Foi desenvolvido no período de 2001/2003, o Projeto de Formação do Educador Popular, no ensino normal, em nível médio, em áreas de Reforma Agrária, vinculado ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, através da parceria com o INCRA, MST, FETASE, FAPese, SEED e UFS/PROEX/DED/NEPA. É uma proposta de trabalho de extensão voltado à formação de monitores/alfabetizadores, tendo como objetivo básico promover a formação em Magistério dos monitores, possibilitando ampliação de conhecimentos e capacitação para atuar nas áreas. Contou com a participação dos professores do Departamento de Educação, Serviço Social, Psicologia, Filosofia, Química, Física, Biologia, geografia, História, professores do Colégio de aplicação e da Rede Estadual de Ensino.

processo de tomada de consciência, o monitor carece de uma auto-análise de todo o sistema explicativo da sua ação docente, o que explicita a necessidade de adotar novas estratégias metodológicas e de propor um reordenamento na organização e na mobilização dos princípios pedagógicos definidos pelo MST.

Enfatiza-se no processo educativo que a especificidade do monitor é recheada de singularidades, pois à medida que enfrenta o desafio de formar alunos trabalhadores vive numa pluralidade de papéis, tais como: agricultor, líder de massa e líder familiar. As representações que constituem a cotidianidade dos monitores propõem alternativas para um fazer pedagógico que seja capaz de assegurar uma ampla formação, concomitantemente flexível e planejada, respondendo aos interesses das solicitações dos envolvidos em matéria de aquisição de conhecimento, atitudes conscientes e práticas valorativas.

A atividade de ensinar no assentamento é basicamente exercida por monitores escolhidos através das reuniões, assembléias, na medida em que se verifica qual seria aquele que atende aos interesses dos alunos trabalhadores e que pode de fato exercer a função do ensino no assentamento. Assim, esses monitores têm uma tarefa muito desafiadora que é a de preparar as novas gerações com um trabalho educativo voltado para o crescimento do próprio assentamento.

Para isso, o monitor deve estar imbuído de princípios capazes de recriar constantemente as próprias condições de trabalho; de compreender as especificidades do homem do campo; de entender a pluralidade de valores e concepções de mundo e, sobretudo, de buscar o acesso às informações que viabilizem a compreensão da conjuntura atual. Dessa forma, deverá o monitor ter uma postura política que implica em reconstruir e fortalecer o movimento em relação aos objetivos educacionais para resolver problemas que surgem nos espaços de Reforma Agrária.

É obvio que o investimento na formação desse monitor passa por uma elevação do nível de qualificação, ampliando as possibilidades de desenvolver competências que possam atingir aos objetivos propostos pelo projeto pedagógico do movimento. Na elaboração de estratégias metodológicas, essas competências possibilitarão sanar dificuldades de construção e de reconstrução de conhecimento.

Desse ponto de vista é oportuno salientar que os indícios apontam para uma necessidade de entender como se estabelecem as relações de cunho coletivo e individual dos envolvidos, os quais possuem crenças, idéias e valores que são (re) significados a partir da sua convivência na organização do MST, partilhando afetivamente da vida do outro. Pois a disciplina, a partilha, a solidariedade, o amor, a arte, os sentidos de valores e as atitudes estão presentes na ação docente. Contudo, para que efetivamente seja fortalecido o processo educativo do MST, esse deve ser colocado a serviço do desenvolvimento coletivo do assentamento, reforçando a autonomia e o crescimento do próprio movimento, num esforço deliberado de comunicação entre as diversas instâncias e as instituições sociais parceiras.

Noutras palavras, o monitor deve buscar uma relação estreita entre os envolvidos no processo educativo na possibilidade de conviver com o outro, (re)significando as relações interpessoais com a diversidade de valores presentes no assentamento. Todo o esforço desse monitor é ampliar as oportunidades de escolarização dos alunos trabalhadores que conseguem na terra encontrar mecanismo de sustentabilidade para continuar sua caminhada. A organização

social no assentamento é complexa e marcada pela singularidade de sujeitos heterogêneos em termos étnicos, sociais, culturais, éticos, econômicos e afetivos.

O monitor que se encontra frente à organização do processo educativo do MST tende a assumir uma postura para ensinar na perspectiva de produzir resultados significativos, concretizar objetivos e finalidades ancoradas nos princípios filosóficos, políticos e sociais. Segundo Tardif, ensinar “*é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimento e à socialização*” (2002, p.118). Neste sentido, essas atividades de ensino se manifestam concretamente no âmbito das interações humanas de valores, atitudes, crenças, símbolos e poder.

No campo da afetividade essas relações baseiam-se em “*emoções, em afetos, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios*” (Tardif, 2002, p.130). Presentes no contexto do assentamento, essas relações, especialmente na sala de aula, são fortalecidas por sentimentos de crenças e místicas. A mística,

“funciona como uma das mais importantes formas de desenvolvimento dos valores e dos símbolos. É um ritual realizado sempre no início ou no término de cada atividade e tem, entre outras mensagens, a solidariedade, o desejo de vencer, a denúncia da exploração, a justiça e o amor” (Jesus, 2003, p. 232-233)

Os estudos indicam ainda que os monitores utilizam em suas atividades de ensino conhecimentos práticos provenientes do cotidiano do assentamento numa perspectiva de intervenção⁴ da realidade. O grande desafio é o de como potencializar essas experiências na ação docente tendo em vista a práxis. Essa deve ser entendida como sendo:

“a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. (Konder, 1992, p.115)

Por estes motivos devemos compreender que os monitores são movidos pelas emoções, saberes e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Segundo Gauthier (1996) os saberes necessários à execução das ações que são próprias ao trabalho pedagógico é uma das condições essenciais para o desempenho de atividades de maneira que desenvolva certas competências, como as de “*idealizador, transformador sócio político da sociedade*”, ou seja, re-situar todas as informações fragmentárias recebidas dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo e mostrar as relações, as mediações, o momento histórico, as condições sociais numa relação dialógica.

Todavia não podemos desconsiderar as formas de organização e as possibilidades de caminhos trilhados pelos monitores, que apontam para uma reflexão das novas maneiras de pensar o conhecimento a ser proposto para os assentados. Eles são os responsáveis pelo processo de intervenção, reconstrução e mediação, com a possibilidade de abraçar a causa, mobilizando

⁴ Sobre o significado dessa idéia de intervenção, entenda-se como um grau de mobilidade, mobilização, integrações, desejo por mudanças, percepções das necessidades, motivações dos sujeitos na sua cotidianidade.

estratégias metodológicas para a re-elaboração de sua proposta de ensino. Dessa forma, a sua ação docente não consiste somente em fazer algo, fazer mais ou repetir o que viu e ouviu.

Neste sentido, “*a construção do conhecimento ocorre por força da ação (...) e pelo retorno ou repercussões desta ação*” (Bercker, 1998, p.61). Assim, o novo conhecimento provoca um re-ordenamento, uma re-interpretação, uma re-significação, uma re-leitura do real, uma nova síntese de conhecimentos.

Eivados de subjetividades, a ação docente na perspectiva da práxis tem como condição *sine qua non* a efetivação de um processo educativo centrado num projeto consciente, ético-político e social. Dessa forma, um balanço dos discursos dos monitores permite-nos identificar os nexos que têm possibilitado uma articulação do cotidiano com o contexto do assentamento no Estado de Sergipe.

Dessa maneira, elegemos como eixo deste trabalho de pesquisa os discursos orais dos monitores do MST, buscando relacionar os sentidos e as significações dadas quando o monitor organiza estratégias metodológicas à ação docente, explicitados também nos diários de campo e nos relatórios pedagógicos e na proposta educativa do movimento.

No âmbito da investigação todas essas questões como as contribuições, as contradições presentes no processo educativo serão estudadas sem perder de vista. Destarte, acreditamos que a realidade é bastante específica e de uma complexidade própria devido à natureza dos assentamentos de Reforma Agrária.

As reflexões para entender a ação da construção e reconstrução dos conhecimentos precisam estar norteadas de pressupostos que respeitem as possibilidades de re-organizar o conhecimento de forma que os envolvidos no processo educativo construam individualmente e coletivamente sua autonomia na organização social.

Este processo decorre de tomadas de decisões por parte dos monitores, quando estes têm a compreensão dessa realidade e as relações são consolidadas nos diálogos estabelecidos entre os assentados. Pois essa organização dar-se-á através da troca de saberes e da construção de um seguimento onde se penetra também no universo de saberes que pode ser descrito e interpretado por todos à medida “*em que acontece a sedução pela caminhada e a motivação de aprender (...) É nela que se descobre o sabor e a felicidade de aprender*” (MST, 1994, p.10).

Os diferentes aportes teóricos acerca da educação manterão fortalecida a organização da realidade com o objetivo de que os assentados tenham responsabilidade de desencadear ações que possibilitem explorar e compreender como esse processo educativo se concretiza na prática social. Para tanto, a educação tem como função “*fazer desabrochar e desenvolver tal subjetividade para compreensão do espírito crítico e para a libertação*” (Japiassu, 1975, p.149). É um processo social tão importante para que se alcance a cidadania⁵, por compreendermos ainda que a educação é uma produção coletiva que se deve concretizar através da prática social assumindo uma dimensão coletiva, pois são assentados que buscam superar sua condição de vida através do desenvolvimento da consciência crítica e criativa. Prioriza-se assim, a formação de um

⁵ Corroboro com o pensamento de Bruckner, quando descreve que só existe cidadania quando o indivíduo aceita suspender seu ponto de vista particular para levar em consideração o bem comum, para entrar no espaço público, onde os homens se falam de igual para igual e agem juntos (1997, p. 76) Dessa maneira, os assentados exercem seu papel de cidadão na organização social do qual estão inseridos.

novo homem capaz de buscar soluções alternativas para a resolução dos problemas relativos à vida do homem no campo.

O processo educativo definido pelo MST é aquele que é “*capaz de tomar os companheiros e companheiras sujeitos plenos de seu processo de capacitação e construção de um novo projeto de sociedade*” (MST, 1994, p.09). Como também, capaz de superar as contradições, buscar mediações entre os saberes, rompendo barreiras estabelecidas na conjuntura atual, na perspectiva de “*descortinar a especificidades das contradições internas*” (Oliveira, 1993, p.66), criando, assim, situações em que se dê o encontro humano em todas as múltiplas dimensões: troca de experiências, idéias, opiniões, relações interpessoais, valorizando as ações frente ao desempenho de suas funções sociais.

Todo o processo de construção desse conhecimento deve ser entendido como uma tomada de consciência de um mundo vivido que carece de uma atitude crítica e prática para a transformação social da realidade. Dessa forma, o MST entende a educação como sendo uma prática de intervenção da realidade social. Caldart, explicita que “*se trata de um direito de cidadania, representa a possibilidade de acesso a certos tipos de saberes que fazem efetiva diferença na formação/educação onilateral de sujeitos de transformação social e da reconquista da dignidade humana*” (1997, p.9),

É nesta perspectiva que os processos educativos devem ser constitutivos, num contexto dinâmico, contínuo, interativo com a organização social. É preciso que as ações docentes contemplem um trabalho pedagógico em que o monitor reflita sobre uma educação voltada para as minorias, fornecendo-lhes todas as possibilidades de um desvelar pessoal, ou seja, “*alguém que seja capaz de manter desperto no educando o princípio da cultura continuada*” (Japiassu, 1975, p.148)

Evidentemente que o desafio na construção de uma ação docente voltada para a formação desse novo homem deve pautar-se em pressupostos que são essencialmente norteados de princípios filosóficos da educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assim definidos:

(...) educação para a transformação social; educação para o trabalho e a cooperação; educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana; educação com/para valores humanistas e socialistas; educação como um processo permanente de formação/transfôrmação humana. (MST, 1996, p.10)

E ainda, pontua alguns princípios pedagógicos para nortear o trabalho educativo nas áreas de assentamentos:

(...) relação entre prática e teoria; combinação metodológica entre os processos de ensino e de capacitação; a realidade como base da produção do conhecimento; conteúdos formativos socialmente úteis; educação para o trabalho e pelo trabalho; vínculo orgânico entre processos educativos e processo políticos; vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos; vínculo orgânico entre educação e cultura; gestão democrática; auto-organização dos/das estudantes; criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/das educadoras; atitude e habilidade de

pesquisa; combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais. (MST, 1996, p.23)

Ao examinar esses pressupostos filosóficos da educação do MST, percebemos que estes advogam a possibilidade de emancipação dos assentados numa perspectiva de encontrar saídas para o enfrentamento dos problemas existentes no assentamento. Esses princípios estão carregados de significações que implicam num entendimento mais aprofundado da proposta pedagógica do MST e que ao direcionar sua ação docente potencializa uma prática pedagógica voltada para uma necessidade de avançar, reforçando a luta por mais direitos, como sejam: a saúde, a educação, o lazer, etc...

Assim sendo, o MST delineou uma concepção de educação voltada exclusivamente para os assentamentos porque entende que não é qualquer tipo de educação que possa atender aos interesses dos assentados, mas aquela que liberta das amarras da opressão e da exclusão social, numa perspectiva emancipatória.

Desse modo, elabora propostas educativas que garantem na sua operacionalização o fortalecimento da organização social do MST, quando objetiva formar monitores capazes de assegurar na sua ação docente o “modelo de educação” proposto pelo movimento. O monitor deve ser afiliado a causa, ser um militante e ter como pressuposto uma educação como sendo um fator de transformação social.

Destarte, ressaltamos que na busca por essa formação faz-se necessário o envolvimento político dos monitores de tal forma que essa formação seja uma “*formação crítica capaz de fazer aparecer inteligências mais potentes e determinadas a levar adiante a construção histórica de uma humanidade responsável por aquilo que faz de si mesma, dentro da mais ampla condição de liberdade e dignidade de ser*” (Galeffi, 2001, p. 36). Acreditamos, pois, no fortalecimento do MST quando ampliarmos conseqüentemente as oportunidades educativas nos espaços de assentamentos, correspondendo numa tradução das potencialidades, das possibilidades presentes na ação docente, que no coletivo produzem alternativas para educar e aprender em um processo de diálogo pensante.

Referências Bibliográficas.

BECKER, F. A epistemologia do professor: o cotidiano da escola. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CADERNO DE EDUCAÇÃO nº 03. Alfabetização de Jovens e Adultos. Porto Alegre, 1994.

CADERNO DE EDUCAÇÃO nº 08. Princípios de Educação no MST. Porto Alegre, 1996.

CALDART, Roseli S. Educação em Movimento: formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 180p.

_____. Pedagogia do Movimento sem terra: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 276p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. RJ: Paz e Terra, 1992. 245p.

GALEFFI, Dante Augusto. O ser-sendo da filosofia: uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: UFUFBRA, 2001. 583p.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Trad. Francisco Pereira. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998. 480p.

HORKHEIMER, Max & ADORNO T. W. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. RJ: Jorge Zahar, 1985.

KONDER, L. O futuro da filosofia da práxis. Rj: Vozes, 1992.

KOSIK, k. Dialética do Concreto. RJ: Paz e Terra, 1986.

JAPIASSU, Hilton. O Mito da Neutralidade Científica. RJ: Imago Editora LTDA. 1975.

JESUS, Sônia Meire S. A de. Navegar é preciso. Viver é traduz rumos... Rotas do MST. 2003. 282f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

RAMALHO, Betania L; NUÑEZ, Isauro B.; GAUTHIER, C. Formar o professor profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2003. 208p.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325p.